

Illustração Portuguesa



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES
NUMERO AVULSO. 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00 "
Ano 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Socorro, 49 — LISBOA

É Eczema, só o "HERPETOL" a aliviará



Depositos do "HERPETOL" Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Ltd., rua da Prata, 257, 1.ª, LISBOA. — Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Ltd., rua Passos Manuel, 65, PORTO. — Central de Produtos Químicos, Limitada, Praça 8 de Maio, 45, COIMBRA. — **ULTRAMAR**: Dantas Valadas & C., Ltd., LOANDA. — Dantas Valadas & C., Ltd., KINSHASA. — Dantas Valadas & C., Ltd., NOVO REDONDO. — A. Barbosa & C., LOURENÇO MARQUES. — José

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 788

Lisboa, 26 de Março de 1921

20 Centavos



Ula Sharon, a dançarine amada e aplaudida dos palcos de New-York.

CAPA: — Miss Edith Dey, a atriz americana que em Londres tem alcançado um verdadeiro triunfo.

Jóias e flores

As jóias e as flores, numa aliança surpreendente de magnificência e singeleza, são adornos preciosos de que nenhuma mulher prescindir e que sabe conciliar a primor, a despeito do antagonismo que os caracteriza.

Infelizmente, se o scintilar multicolor do diamante perdura sempre, sorrindo em desvanecimentos aos oscuros que a luz lhe envia, a fragrância d'uma flôr delicada, evola-se rápida no ambiente artificial d'um salão. Assim, reconhecido que o encanto d'uma flôr imprime á «toilette», ou ao penteado, uma nota inconfundível, decidiu-se buscar no artifício, o que a flôr natural sistematica e intransigentemente se recusa a conceder: uma aparência de frescura, flôres que, no fim d'um baile, quando o organismo cede já á fadiga, os olhos perdem um pouco do brilho sedutor que os animava e as faces empalidecem, conservam viçosas as pétalas rosadas, a espalharem uma ilusão de perfume, como se a coragem suave d'um jardim as acariciasse,



Grinalda de folhas de ouro e setim cor de castanha, fechando com uma rosa, do lado direito.

Almofada de tecido d'ouro, bordada com lentejoulas d'ouro. Bracelete de marfim trabalhado. Saco em seda azul real, guarnecido com aplicações de flôres e fructos em veludo.

colia das pétalas mate com tremulos e fugas deluz.

HELENA DE ARAGÃO.

Brilhos e perfumes

sem temerem as reverberações provocantes das pedrarias, que a fadiga não atinge.

Entretanto, a irrequieta e insaciável imaginação humana, depois de ter reproduzido com surpreendente verdade o colorido e a forma das

lindas flôres naturaes, principiou creando fantasias estranhas, e a breve trecho depararam-se nos rosas azues, folhas pretas, cravos castanhos... e quantas mais originalidades!...

Mas, que importa a ousadia da ideia, se o resultado é lindo, se todas essas extravagancias nos encantam e a Moda as acolhe com entusiasmo?

Nos penteados modernos, nas «toilettes» de cerimonia, as flôres figuram como guarnição preferida.

Dispostas em grinalda ou diadema, dispersas em negligente disposição, adornam fronte lindas, destacam na alvura d'um colo, marcam o quebrado d'uma cintura, seguras por uma joia que combate a melancolia das pétalas mate com tremulos e fugas deluz.



A
EXPOSIÇÃO
CONSTANTINO
FERNANDES
NA
S.N.B. ARTES



HOMENAGEM
POSTUMA
A
UM
GRANDE
ARTISTA



A piedosa romagem, homenagem derradeira, saudade eterna do ultimo modelo. — Aspecto da exposição.

NA Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurou-se a exposição de Constantino Fernandes, o grande e extraordinario artista ha pouco falecido, quando do seu talento tanto ainda havia a esperar. Ali está reunida a maioria da sua obra e vendo-a assim em conjunto é que se nota como ela é valiosa e grande. Figuram n'ela a *Vida do Marinheiro*, o formoso triptico do Museu Nacional da Arte Contemporanea, retratos, desenhos, o grande numero do seu notavel labor.

A homenagem postuma a Constantino Fernandes, levada a cabo pelos seus amigos, tem o seu epilogo n'uma sessão de homenagem que hoje mesmo se deve realizar na S. N. de Belas Artes.

Os amigos de Constantino encheram de flôres o retrato do malogrado artista e com eles lá foi tambem levar a sua abada piedosa o seu ultimo modelo.



A comissão organisadora, artistas e homens de letras.



TIPOS PORTUGUEZES

varinas,
campinos, devotas e ganhões.

São bem nossas as figuras que a fotografia fixou nesta dupla pagina; são bem a alma da patria portuguesa, porque ella compõe-se de todas estas coisas que nos passam despercebidas por serem vistas a cada momento, mas que a nossa memoria reproduz insistentemente quando nos encontramos longe-de Portugal.

Cada país tem o seu *guide*, o seu caracter, a sua gente, e esta com o seu modo de viver e de proceder, que noutro país se não observam; qualquer dos *tipos* que aqui se apresentam, o pescador, o velho que acende o cachimbo, o campino, o ganhão, as varinas, a ceifeira, os garotos da praia e as velhinhas, uma enfiando a agulha, outra resando as contas, não podem ser he-panhois, franceses, inglezes, italianos... E não é só pelos trajes que se conhece que são da nossa terra; é tambem pela attitude, pela expressão do rosto, por qualquer coisa inexplicavel que nêles existe e que se casa maravilhosamente com a suavidade do nosso céu, com a alegria do nosso campo e com a melancolia do nosso mar. Destaque-se qualquer d'estas vinhetas, sem a designação que a acompanha, misture-se

- 1.—Acendendo a cachimbo.
- 2.—Enfiando a agulha.
- 3.—Varinas. («Cliché-Vescouceios».)
- 4.—O pescador.



A ceifeira.



Campino
«Clichés do sr. Homero Cancio.
(Alhandra).»

com outras, estrangeiras, e pergunte-se seja a quem fór, observador ou não, a que país o original pertence.—A Portugal, responder-se-ha, sem hesitação.

E é consolador o vêr-se que todas as expressões surpreendidas pelo fotografo ou pelo pintor, em dois ou tres quadros reproduzidos, são de bondade e de jubilo — não da bondade que chega á submissão, nem do jubilo que atinge demasias ruidosas, mas d'uma natural doçura e d'um comedido deleite, reflexos de espiritos desanuviados e rectos.

Na ultima gravura, *Garotos da praia*, é que não predomina o comedimento, nem era de esperar que o houvesse; mas são ainda portuguezes de lei esses gaiatos, que se riem exuberantemente e fitam com irreverencia a objectiva, porque, apesar de não pertencerem, como se adivinha, ás classes abastadas, mostram que, se o pão lhes falta em casa, contentam-se com o pouco que lhes dão, julgando-se sufficientemente compensados com o bom sol de Portugal, que a ninguem nega as suas prodigas caricias.



5.—Resando as contas.

6.—Ganhão. («Clichés de Fernandes Tomás —Studio».)

8.—Garotos da praia. (Nazareth) — «Cliché do Dr. J. P. Cesar Junior.»



O JARDIM DE COLOMBINE

POR
Herminio do Nascimento

(Inspirado no quadro d'este nome
de LEAL DA CAMARA)



Vagarosamente.

Piano *pp*

The first system of music features a piano accompaniment on the left and a vocal line on the right. The piano part begins with a 4-measure rest, followed by a series of chords and moving lines. The vocal line starts with a 4-measure rest, then enters with a series of notes. The key signature has three flats, and the time signature is 4/4.

The second system continues the piano accompaniment and vocal line. The piano part has a dynamic marking of *p*. The vocal line continues with various note values and rests.

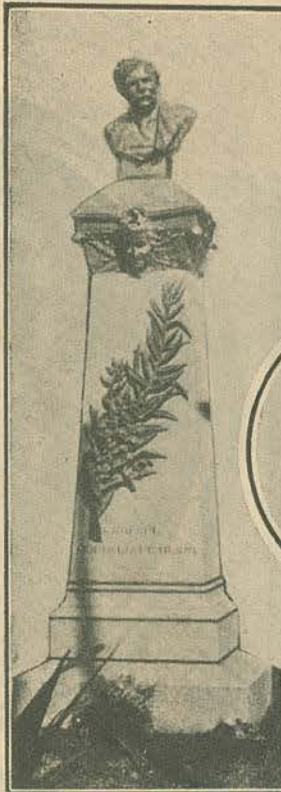
The third system shows the piano accompaniment with a *crescendo molto* marking leading to a *f* dynamic, followed by a *pp subito* marking and the instruction *como um eco*.

The fourth system continues the piano accompaniment with a *mf* dynamic marking and a *p* dynamic marking. The vocal line is also present.

The fifth system concludes the piece with a *ritardando* marking and a *pp* dynamic marking. The piano part ends with a final chord.

Lisb. Fev. 1921
Herminio do Nascimento

Figuras e Factos



1. O monumento a Rafael Bordalo Pinheiro inaugurado ha pouco no Campo Grande.



2. O pintor Henry Laffite que hoje deve inaugurar a sua ex-



sição de pintura encaustica no Teatro Nacional.]

3. No medalhão. S. Mezard que com o pintor Laffite reconstituiu o processo da curiosa pintura a fogo de que Laffite faz exposição.

4. O sr. Presidente da Republica e ministro dos Estrangeiros na inauguração do monumento a Rafael Bordalo. O sr. Dr. Magalhães de Lima falando.

5. Os empregados da administração do «Seculo» que se reuniram n'um janar de homenagem ao chefe dos escriptorios sr. João Crisostomo de Sá (X) A comissão foi composta pelos srs. Mario do Rosario, João Canuto e Francisco Mira Godinho.]

PELO MUNDO DA ARTE E DA BELESA

Atrizes e mulheres de sociedade, duquezas e estrelas de cinematografo, todas a quem Deus tocou com suas maravilhas de graça.



Adelina Fernandes, que, no Apollo de Lisboa, representa com tanto agrado.

(Foto-Brasil).

Adele Rowland, estrela teatral de New-York, que veiu ultimamente n'uma rendosissima tournée á Europa.



A sr.^a D. Matilde Basualdo Anahorena Zu'erbuhler, uma das mais gentis figuras da alta sociedade de Buenos Ayres.



Mary Miles Minter, juvenil e bela estrela cinematografica.

OS
NOVOS
PROFESSORES



O DR.
THOMAZ
DE MELO
BREYNER

O sr. dr. D. Thomás de Melo Breyner.

A PÓS o sr. dr. Adelino Padesca, outro dos vencedores dos concursos da Faculdade de Medicina foi o sr. dr. D. Thomás de Melo Breyner, sifilografo distinto, autor de trabalhos notaveis, diretor de consulta e de enfermaria nos hospitais e socio da Academia das Sciencias de Lisboa. Não podia recaír melhor a escolha, pois D. Thomás de Melo Breyner é uma

competencia e um fidalgo de fino trato. A sua obra é notavel e D. Thomás de Melo Breyner decerto será um professor illustre. Sobejam-lhe dotes, sendo inesquecivel para os seus alunos os momentos que a sua conversa e a sua erudição animarem. Felicitando o illustre professor, felicitamos tambem a Escola que o escolheu.



O professor Melo Breyner, assistentes e mais pessoal da consulta do Hospital do Desterro. Dr. Melo Breyner, Dr. Adriano Fontes, José Formosinho Sanches, Raul da Silva Viana, Manuel de Sousa Aguiar, Augusto d'Esaguy, e Dr. Antonio de Carvalho. O enfermeiro-chefe Antonio Roberto da Silva, o enfermeiro de 2.ª classe João Dintz e o servente Antonio Loureiro.

A MODA — Os chapéus e o chic



O realce gracioso, leve, inesperado, dos bordados e demais guarnições claras como adorno das *toilettes* escuras, está, mais do que nunca, no critério da moda que nos rege.

Entretanto uma guarnição d'este genero não pôde ser escolhida ligeiramente.

A combinação dos tons preto e branco exige um estudo consciente do modelo e da pessoa a que ele é destinado, experiencias demoradas, e grande isenção na resolução final, porque, se é certo que o efeito obtido com a aliança d'essas duas côres é

distinto, quando se atenda em primeiro logar a indicações discretas, imprimindo-se na *toilette* uma nota delicada de destaque, não é menos certo que um excesso de côr branca, uma disposição desasturada de guarnição clara, realisam um conjunto deploravel, incompativel com as regras estabelecidas pela elegancia. As guarnições brancas e gris, no genero das que ornamentam os modelos que hoje publicamos são a ultima palavra da moda.

Convenhamos em que não lhes falta distincção...

A PATRIA HONRAE

Desembarca no Arsenal da Marinha o feretro do soldado desconhecido. Efectua-se o funeral do capitão Sebastião Roby, morto em combate em Africa, saindo do Arsenal da Marinha para a estação do Rocio, seguindo d'alli, a urna, para Braga.

Efectua-se o funeral dos tres bravos officiaes, capitão Serrão Machado, tenente Vidal Pinheiro e alferes Carrazada de Andrade, mortos no combate de 9 de Abril, cujos despojos funebres vieram, como o do soldado desconhecido, no vapor «Porto».



Aguardando o soldado desconhecido, Corôas e palmas, derradeira homenagem.



O funeral do capitão Sebastião Roby a caminho da estação do Rocio.

O soldado desconhecido, morto pousa finalmente em terras senal da Marinha o dia gloriosa no Mosteiro da Batalha. E' trada aos filhos humildes que morrosos do Camões tiveram tanta e tão

nos plainos da Flandres, rodo Portugal. Aguarda no Arrioso em que dove dar ena grande consagração da Páram por ela e nuca os ver-luminosa verdade.



No Arsenal da Marinha. Guarda de honra ao desembarque do feretro do soldado desconhecido.



O feretro do soldado desconhecido saindo de bordo do vapor «Porto», que o trouxe do Havre.



Assistencia aos funeraes dos

officiaes mortos pela Patria.



O funeral do heroico capitão Machado, atravessando as ruas da cidade.



Guarnição de penteados em bagas de prata e folhas de veludo preto.

femeninas

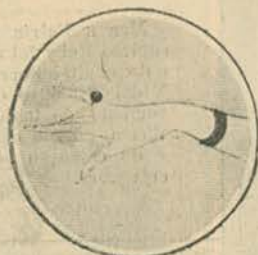
Acessorios de que a elegancia não prescinde



Guarnição de penteados em veludo preto e bagas na cor da «toilette».



Pente moderno em prata e pedras imitação de brilhantes.



Anel e bracelete em jais preto.



Tocheiro antigo aproveitado para gabinete e ornamentado com um «abat-jour» de seda oriental frangido a ouro.



Os modernos sacos de plumas d'avestruz.



Tocheiro antigo adaptado a candieiro, ornamentado com um «abat-jour» de seda verde coberto com rede d'ouro e frangido a perolas.



Guarnição d'ecaille e pedras para o penteado.

NAS mil futilidades creadas pela fantasia reside em geral a nota elegante.

Um pequenino nada improvisado pelo capricho duma imaginação invulgar, destacando no conjunto duma «toilette», surpreende-nos, revela-nos um recurso até então desconhecido, o partido a tomar duma insignificancia, como o engenho, es-

curado pelo sentimento da arte, empenhado em realisar as aparentes utopias prézidas pela economia, consegue metamorfosear uma velharia julgada inutil num ornamento gracioso e inédito.

Quando a fantasia repta o bom gosto, quantas e lindas cousas se criam!...

Helena de Aragão

VIDA SPORTIVA

O exercício dos adueiros na Tapada na Ajuda

O grupo n.º 9 dos adueiros, antigo grupo n.º 7 do escotismo, fez no passado domingo curiosos exercícios na tapada da Ajuda. Cheios de piforesco, os bravos rapazes divertem-se a seu modo, trabalhando e esforçando-se em fazer mais e melhor. E' pena sómente que o exercício físico



Uma ascensão de 20 metros por um adueiro de 10 anos.



A ascensão do carro de transporte. Uma escalada difícil.



3. O suito da morte. — 4. Em marcha acelerada.



não tenha maior propaganda entre nós e que o favor publico não contribua materialmente para auxiliar quem tanto se tem notabilizado em ocasiões de trabalho e perigo — fogos, revoluções, desastros, emfim a linha onde se pôde ficar para que os outros lá não fiquem. Comandon os exercicios o adail José da Con eição Rodrigues, presidindo-os superiormente o instrutor Barjona do Vas concelos.

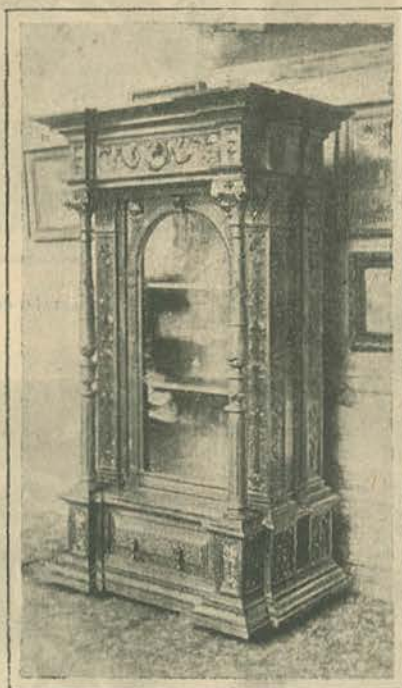
A EXPOSIÇÃO DE ARTE COIMBRÃ

tura, escultura, marcenaria e serralharia, etc., toda a gente que entre nós se interessa pelos assuntos d'arte tem desfilado ante as produções coimbricenses, que são magnificas.



Relicario em ferro forjado, por Lourenço Xavier d'Almeida

2. Armario renascença, por Carlos Carvalho e Raul Dias.



Candelabro em ferro forjado.



Tinteiro por Alberto Marques.



Artistas que concorreram á exposição de arte coimbrã. Sentados: Carlos de Carvalho, Carlos Lobo, Fausto Gonçalves e Antonio Augusto Cardoso. De pé: Raul Dias, Alvaro Ferreira, Antonio Ferrão, João Machado (filho) e Manuel Miranda. No medalhão o serralheiro Albertino Marques.



O Seculo Comico

HUMORISTICO DE

O SECCULO



Director: AGACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DASILVA GRACA, Limit.

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Lenine em pancas



— O' com os diabes! Lá se voltou o bico ao prego!



PALESTRA AMENA

Comentando

Se lhes dissermos que não causou impressão no publico, de todas as côres, o facto do chefe do governo ter convidado oficialmente o sr. cardeal patriarca para assistir ás e remonias da consagração do «soldado desconhecido», mentiríamos com quantos dentes temos na boca—e, felizmente, só nos faltam do s, perdidos acidentalmente.

Começamos por dizer que não temos nada com o procedimento do dito sr. chefe do governo, que não discutiremos se audou ou não com cabeça; o que nos parece, apenas, e isso mesmo muito envergonhada e timidamente aventamos, é que o acto—o «gesto», diria um atrevido francello aqui do lado—não foi dos mais felizes, ou antes dos mais oportunos, porque fosse qual fosse a intenção a que obedecem, o provavel era que viesse acirrar paixões adormecidas ou aparentemente latentes.

Foi, pois, um acto infeliz, mas para quem bem observar, de harmonia com a attitude d'aquelles gymnastas que se vêem a perros para se equilibrarem na corda bamba, de maromba na mão, ora inclinando-se para a direita, ora para a esquerda, ora com o pé direito no ar, ora com o esquerdo... Lá vão andando, sem duvida, e em geral chegam ao fim da corda sem precalço de maior, muitas vezes com aplausos. Mas que trabalho não tem, coitadinho, em que tremuras se não vêem, tanto mais que hoje em dia esses equilibrios costumam fazer-se sem réde, em riscos, por consequencia, do pobre homem vir despedaçar-se no sobrado!

Nunca percebemos como haja alguém que a tal se sujeite. Porque, o notavel, é que ninguém obriga os cavalheiros a escolher essa profissão; são equilibristas porque muito bem querem, havendo tantas outras profissões na sociedade e tantos outros meios, mesmo artisticos de Colisen, em que podem ganhar a vida. Quanto menos arriscado e mais agradável de ver-se não é, por exemplo o trabalho do atleta, confiando absolutamente nos musculos, erguendo pesos de muitos quilogramas, com precisão, com arte, com elegancia de postura, sem o bambolear inestetico do equilibrista de cord!

E o peor é que habituando-se um homem a esta dança, nunca perde o habito e assim vai até ao fim da vida, ou mais além, a inclinar-se ora para a direita a ora para a esquerda, a sorrir a um, a sorrir a outro...

...Ou mais além, dissemos, querendo referir-nos ao que se passará no outro mundo, pois que todas as hipoteses, a esse respeito, são admissiveis; não queríamos estar na pele, isto é, no espirito de tal cidadão, quando se vir obrigado a sorrir para Deus e para o Diabo, sem saber se ha de entrar no Céu ou no Inferno, para não melindrar nem um nem outro...

J. Neutral.

A taberna do Chico Bexigoso ficava no largo da igreja matriz e era ali que se juntava a fina flôr do livre-pensamento, da vila: o Botas, o Cara-á-banda, o Teso, etc., que nas horas de ocio—e eram quasi todas as do dia—discutiam altas questões politicas e religiosas com o calor que lhes transmitia o belo do carrascão da propri lavra do Chico, que o não havia melhor dez leguas em redondo.

N'aquella tarde a conversação decorria amena; os principaes frequentadores estacionavam á porta da rua, quando se aproximou o Manoel da Tereza, tambem livre pensador d'uma cana só, o qual Manoel ao passar em frente da egreja: fez menção de tirar o chapu...

O' diabo, que tal fizeste! Receberam-os os camaradas com chufas e descompasados gestos, sobresaindo o Botas, que era de todos os vermelhos o mais vermelho:

—Com que então, «Manel», tiras o



chapu ao Pai do Céu, que nunca existiu? Ora o camelo!

Grande troça dos outros e o Manoel explicando:

—Foi um costume que me ficou de pequeno. Não me parece que isso faça mal a ninguém...

O Botas:

—E' uma cobardia. Em cá, quando passo pela egreja, carrego o chapu para baixo.

—Estão lá dentro os santos...

—«Cais» santos nem «cal» carapuça. Estão mas é esses monos de pan, tão santos «cuma» mim!

—M's Deus...

—Não me fazes n'esse tipo ó «Manel». Quem fez o mundo foi a natureza; e Deus foi inventado pelos padres para viverem á custa d'ele.

O Manuel balbuciou desculpas e o conflito sanou-se, com uma roda de decilíritos, que tiveram o condão de conciliar todas as opiniões.

A' noitinha o Botas recolheu a casa entre as dez e as onze, tomou um caldo que a esposa lhe tinha preparado e recolheu logo á cama, adormecendo d'af a ponco.

Seria meia noite, ouviu-se um grito: —Ai, que estou muito aflito! Quem me acode!

Era o proprio Botas quem fazia o alarido. A'quellas exclamações succederam outras, ainda mais dolorosas do que as primeiras, a mulher saltou da cama em fralda, os pequenos fizeram o mesmo, os visinhos acudiram e o Botas rebolava-se desesperadamente, afirmando que

morria, que era aquella a ultima hora da sua vida, porque sentia uma dôr no umbigo como se o estivessem a atravessar com uma agulha d'albarda.

A mulher esfregava-o com enxundia de galinha, mas o padecimento não cedia. Por fim, o Botas, só soitava gemidos...

A Inacia da Horta interveiu.

—O' visinho...

—Que é? balbuciou o Botas, todo em suores frios.

—Eu cá sei d'um remedio muito bom para dôres de colica, que é o que o visinho tem.

—Diga, sr.^a Inacia, diga!

—Mas... gaguejou a mulher; não sei se... como o visinho Bo.as não acredita em coisas de religião...

—O' visinha! O que eu quero é melhorar! diga o que é o remedio, diga!

—E' tomar um chásinho de alfazema benta, do altar da Senhora das Dôres...

—Vá depressa fazer o chásinho, vá! gemeu o Botas.

—Já está frito. Eu tenho-o sempre lá em casa, para o que der e vier.

—Pois vá busca-o... Ande, mulher-sinha de Deus!

D'af a cinco minutos a Inacia servia ao doente uma chicara da infusão, recomendando:

—Agora, depois de beber, tem de rezar tres Padres Nossos e tres Ave-Marias, senão o chá não faz nada.

—Isso é que eu rezo, visinha!

E o Botas rezou, com a maior unção, as orações indicadas e o caso é que melhorou...

No dia seguinte encontraram-se no largo o Manuel da Tereza e o Botas e aquele surpreendeu este a tirar o chapu, com toda a reverencia, em frente da porta da egreja:

—Que é isso?; perguntou o Manuel, com surpresa. Já estás bem com os santos?

O Botas conf sson tado. D'af a ponco, na taberna do Chico, era alvo de grande troça—mas todos os companheiros, d'af para o futuro, recomendaram ás respectivas esposas que tivessem sempre preparado um chásinho d'alfazema do altar da Senhora das Dôres.

(Imitação, de Arniches).

Pendencia

Quem esteve vae não vae para se bater em duelo um dia d'estes foi o illustre poeta Afonso Lopes Vieira. Felizmente para o adversario, as coisas harmonisaram-se com a costumada «h nra para ambas as partes» senão a estas horas tinhamos a lamentar «um cadavel más» não o do poeta, é claro, mas o do adversario, sobre o qual Lopes Vieira estava disposto a disparar tantos alexandrinos quantos os necessarios para o infeliz falecer.

Não se ganha para os sustos!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ispousa di un anglo.

Nan te tanho escrevido á munto tempo nan cõ purque is ou vom uvrigado mas tamem purque nan tem avido nuvidades triais i u papel cum a desida dus pressõs istá cumo tudo u mais cada vez mais caro grassas adeus pra sempre á mãi jasus maria isdê. In toudo u caso vae nu triato nassional uma pessa muntõ vda bẽza deus xamada «Zilda» cuja esta nan me foi pucivie aindas ver pur iço nan te dezerel u qui é mas pellas infrumassõs é de ce le tirar u xapeu mas u que eu vim foi u «Traillarõs nu triatõ do calão Foz, cuja aquela é uma revista in dois atos touda onsa i cum uma coisa que cá xamam asõ i cas oitras nan questumam ter cuja esta asõ vem a cer a cegunle: provar cus protuguezes ção omes de vengansa i cumo us ispanhos nus leva munta coisa nõs cemos tamem capazes de trazer munta coisa de ispanha pra portugal de maneiras cus rapazes que fazeram u «ra'larõs» nan isivieram cum melas medidas i dixeram lá concigo: á! vunnssõs levãonos ovos? pois nõs tiramos cenãs de pessos—i zãs: aqarrão in quadros, episodios, etc. ispanhois i xamaramle ceu isto é xamaramle um fiço i a pessa ficou bem vda. Agora já se andão a preparar umas poucas de revistas que tamem hande ter munto çussesso i que ção cu-



mo esta lusõ-ispanicas; uma d'ellas cingun to nus dizem compõe-se da 2.ª cena do primeiro ato da «Verbena de la paloma», da 3.ª quadro da «Rabalera», da 1.ª da «Alegria de la huerta» i mais umas piadas dus «Africanistas», da «Revoltoza» i da «Marcha da Cadiz» i ade xamarce «Trolari» ó talvez «Trolarê» que ção titlos munto çufestivos cumo pur aqui dizem. I d'ain talvez ce xame «Trolari», que é ingualmente munto segneficativo.

Nan ceí que mais tu diga çnãõ que nan tanho mais nada pra te dezer i pur iço tremino aqui estas duas mal nuñadas regras i adeus intê um dia ca minha ó fazer d'esta nan tem duda i u mêmõ istimo que te acuntessa a tu i arrusebe muntas alimbranças açulapadas i dá recados õs n ços filhos i nan ti isqueças nunca dus noços barcos que nunca me çuem da indêa i ca estas oras já devem estar porcos benzõs deus i a mim me nan desimpare deste tẽ õme intê á morte cum touda a amezedade.

Jerolmo

Empzario do Pauliteama de Peras Rulvas.

EM FOCO

Correia Barreto



*Ou é do meu olfato mal disposto
Ou na hora em que escrevo este soneto
Ao nosso bravo general Barreto,
Cheira a fraternidade que é um gosto,*

*Solettra-se a alegria em cada rosto;
Cada labio distila o mel do Himeto;
Reina a paz em Varsovia, e eu seja preto
Se nos perturba a scmbra d'um desgosto.*

*Dinheiro, chega e sobra em curo e pra-
ta...*

*Acentua-se a baixa, sem destino...
A vida cada vez é mais barata...*

*O cambio, todos sabem, vai n'um sino...
Conspirações, nem meia, n'esta data
E, iluminando o quadro — o Bernardino!*

BELMIRO

Torre de Chifre

O teu sorriso

Abrem-se as porta do paraizo
Todas abertas de par em par
Quando abres a boca n'um sorriso
Dá gosto de joelhos ficar.

Sorriem assim as crianças,
Sorriem assim os anj's de ceu,
Sorriem assim as pombas mansas
N'um sorriso como o teu!

Que perolas são os teus dentes,
Que romã teus labios vermelhos!
Os teus sorrisos transcendentas
São cheios de inifimas centelhas.

Só para mim não te sorris,
Só para mim és insensível!
Não sei, creança, o que te fiz,
Sendo capaz de fazer o impossivel!

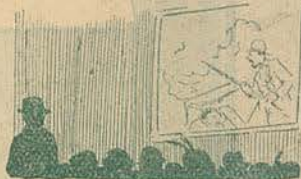
Luiz T. Torres

Projecções luminosas

O ensino da lingua portinguesa n'uma das universidades de França vai d ventõ em pópa, segundo comunica um correspondente d'aquelle paiz, achando-se matriculados na respectiva aula nadmen s de seis alunos, todos de muita respeitabilidade, porque são professores, o mais novo dos quais conta os seus 60 anos de idade.

Não só estão deantados nos signi i cados das palavras, mas vã conhecen do tambem Portugal por meio de projecções luminosas: as scenas principais da nossa vida nacional são-lhas apresentadas no «écran», como, por exemplo, a que repro luzimos aqui.

A proposito do que acima dizemos, isto é, de serem os estudantes pessoas já maduras, comentava o nosso impagivel Marques ha das n'uma roda de amigos, com a sua proverbial estupiduz:



— Não acredito que os homens venham a saber alguma coisa de portugues...

— Porquê?

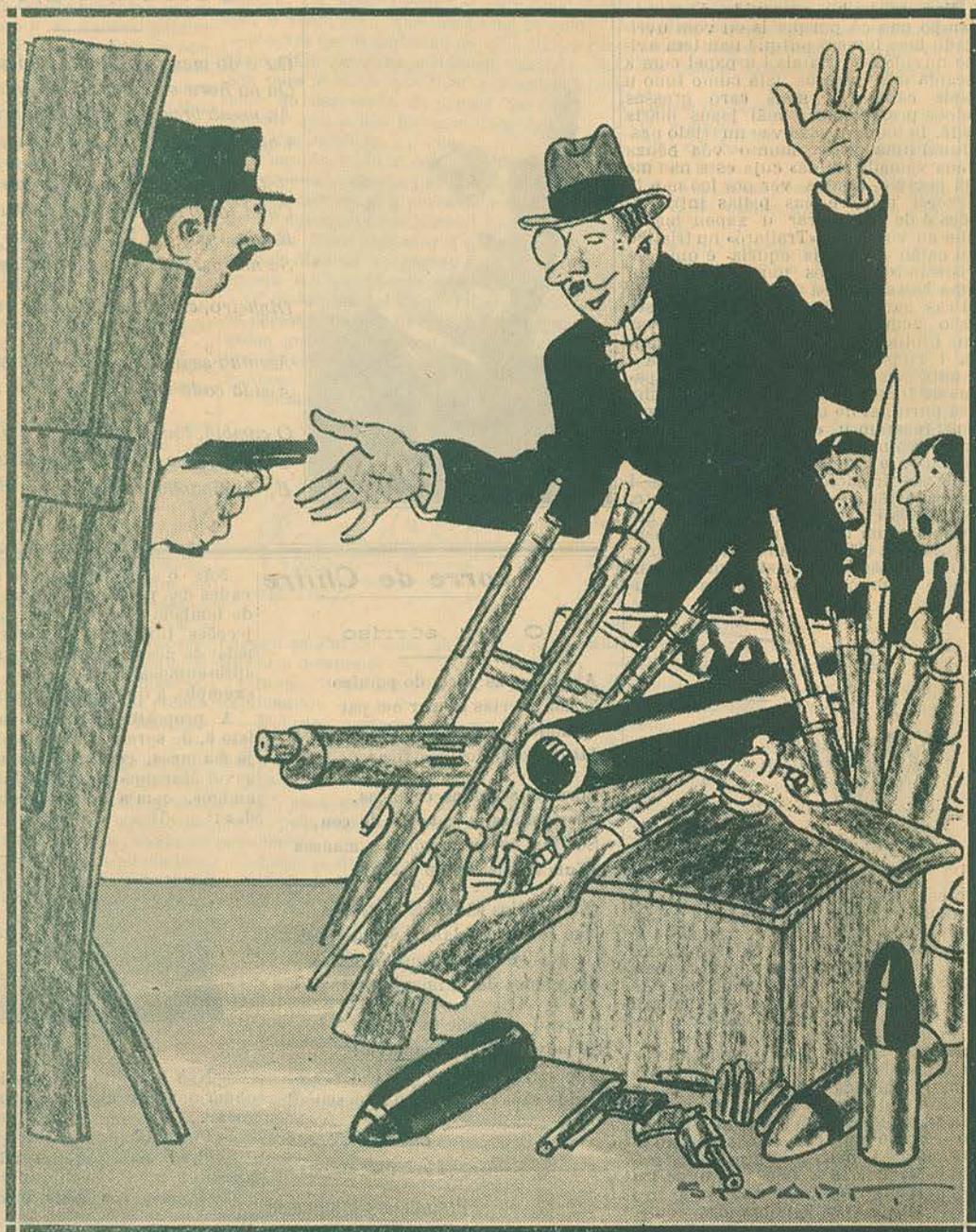
— Ora! Barro velho não aprende linguas!

Está cada vez mais bruto, o Marques.

Correspondencia

P. PALMIRA—Ontra que verseja, em vez de rem ndar as cuecas da familia, Dedique-se á agulha, que deixa mais do que a lira.

Por bem ...



— Que é isto?!

— Nada, camarada. Estavamos a preparar-nos para agradecer a amnistia...